

Sintagmas Nominais Simples: algumas questões sintáctico-semânticas*

NUNO VERDIAL SOARES
(Escola Secundária Afonso Domingues)

0. Preliminar

Em Português Europeu (PE) em Francês e em Inglês encontramos ocorrências de Sintagmas Nominais Simples (*Bare Noun Phrases*, BNPs) em diversos contextos. Neste texto, debruçamo-nos apenas sobre os BNPs que ocupam posições argumentais. Excluimos deste grupo os que ocorrem em contextos enunciativos muito específicos -títulos, provérbios, definições, por exemplo- e Nomes coordenados, Nomes próprios e expressões mais ou menos fixas, por implicarem também variáveis que necessitariam, só por si, de abordagens mais pormenorizadas.

A partir dos quadros da Teoria Formal Enunciativa e da Teoria da Regência e Ligação, procuramos descrever as condições de ocorrência de BNPs argumentais nas três línguas atrás referidas e tentamos explicar a relação existente entre essas condições e as leituras (existencial ou genérica) disponíveis.

Pressupomos que os BNPs são DPs cuja posição nuclear D não é ocupada por nenhum elemento lexical. Consideramos que a ocorrência de BNPs é condicionada pela natureza dos Ns, pelas operações responsáveis pela construção dos enunciados, pelo parâmetro do movimento do V nas línguas em estudo e pelas características da posição D nessas línguas. Entendemos finalmente que o nível relevante para esta análise é LF.

A diversidade de hipóteses apresentadas sugere, naturalmente, que ainda teremos que aprofundar algumas destas questões.

* Este texto é baseado na dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa- *Os Sintagmas Nominais Simples- Para uma sintaxe comparada de Português, Francês e Inglês*, sob orientação da Professora Doutora Inês Duarte e da Professora Doutora Henriqueta Costa Campos.

1. Contextos de ocorrência

Os Ns discretos no singular não são núcleo de BNPs em posições argumentais em nenhuma das línguas em estudo:

(1) Sujeito

- a. *Cão come carne.
- b. *Dog eats meat.
- c. *Chien mange de la viande.

(2) Objecto Directo

- a. *Vejo caneta em cima da mesa.
- b. *I see pen on the table.
- c. *Je vois stylo sur la table.

(3) Objecto Preposicionado

- a. *Falei de carro toda a tarde.
- b. *I talked about car the whole afternoon.
- c. *J'ai parlé de voiture tout l'après-midi.

Em Inglês, os Ns discretos no plural, bem como os Ns densos e os Ns compactos no singular podem ser núcleos de BNPs argumentais:

(4) SUJ

Dogs eat meat./Rice has vitamins./Patience faces all problems.

(5) OD

?I see pens on the table./Cats like fish./Young people see adventure everywhere.

(6) OP

I talked about cars/wine/health the whole afternoon.

Em PE, os BNPs com Ns discretos no plural, Ns densos e Ns compactos no singular, podem, tal como em Inglês, ser OD, OP e Sujeito. Com esta função, porém, só em posição pós-verbal e em contextos restritos:

(7) SUJ Pré-verbal

*Cães comem carne./*Água escorre pela parede./*Ódio provoca guerras.

(8) SUJ Pós-verbal

a. Só compraram esse cd rapazes entre os 14 e os 16 anos. Vs transitivos

b. Nestas máquinas trabalham mulheres com muitos anos de experiência. Vs inergativos

c. Nesta casa, escorre água pelas paredes casa sempre que chove. Vs inacusativos

(9) OD

Vi leões no Quênia./Bebo vinho a todas as refeições./Leio desprezo nessa atitude.

(10) OP

Esta tarde, pensei em viagens./Ele sabe tudo sobre vinho./Agora só se fala de sofrimento.

Em Francês, só podem ocorrer BNPs como OP, mas também em contextos restritos:

(11) SUJ

*Chiens mangent de la viande./*Eau coule dans les robinets./*Grève peut résoudre quelques problèmes.

(12) OD

*Je vois problèmes partout./*Il mange miel tous les matins./*Il a sensé sincerité dans ses yeux.

(13) OP

a. *J'ai parlé avec filles.

b. Le jardin pullulle de fourmies.

c. Il charge la voiture de foin./*Il charge de foin dans la voiture.

Em suma,

1. Só Ns discretos no plural, Ns densos no singular e Ns compactos no singular podem ser núcleos de BNPs argumentais;
2. Só em Inglês podem ocorrer BNPs em todas as funções argumentais;
3. Em PE, podem ocorrer BNPs com as funções de OD e de OP;
4. Em Francês, só podem ocorrer BNPs com a função de OP em construções restritas.
5. Os BNPs OD em Inglês são gramaticais com uma leitura contrastiva.
6. Em PE podem ocorrer BNPs com a função de Sujeito em posição pós-verbal em frases com Vs transitivos e com foco marcado se constituírem informação nova, em frases com Vs inergativos, sempre que o BNP marque um contraste, e em frases com Vs inacusativos.
7. A gramaticalidade dos BNPs com a função de OP parece depender das estruturas e está relacionada com o tipo de preposição e com o V de que os BNPs são argumento. Em predicções existenciais ou na presença de locativos parece ser mais fácil a sua ocorrência.

2. Leituras disponíveis

Os BNPs com a função de Sujeito em Inglês têm leitura existencial em predicacões *stage level* e leitura genérica em predicacões *kind level* (CARLSON 77):

(14) Dogs are mammals. Leitura Genérica

(15) Dogs are dying of human diseases. Leitura Existencial

(16) Dogs are sick. Leitura Genérica/Existencial

Em todos os outros contextos, em qualquer das línguas em estudo, a única leitura disponível parece ser a Existencial. Todavia, no caso dos OD de Vs estativos experienciais tanto em Inglês como em PE parece ser possível obter uma leitura Genérica:

(17)

a. Adoro/Detesto vinho/laranjas.

b. I love/hate wine/oranges.

3. A distinção discreto/denso/compacto e a construção dos enunciados

No quadro da Teoria Formal Enunciativa (CULIOLI 81, CULIOLI 91, VOGÜÉ 89, CORREIA 92, GILBERT 93, CORREIA 93), a caracterização da natureza dos Ns é feita considerando a possibilidade e a capacidade de cada N de se referir à Noção; Os Ns discretos possuem uma formatação intrínseca, são numeráveis e qualquer ocorrência de um N discreto é construída em relação à sua pertença à classe do que se designa por N e localizada em relação à propriedade de ser N; os Ns densos só permitem uma formatação externa e, na ausência de um discretizador, apenas a sua localização espaço-temporal determina o seu formato; os Ns compactos não distinguem ocorrências da noção, a sua forma é contingente à situação em que encarnam.

Esta caracterização permite considerar que os Ns densos e os compactos podem, no singular, remeter para a Noção. Os Ns discretos podem fazê-lo no singular com referência a um alto grau (*haut degré*)- “Isto sim, é o cão!”-, como referência à classe- “O cão é o melhor amigo do homem”-, ou com um valor deôntico, indicador da propriedade necessária a um membro verdadeiro da classe- “Um cão é sempre fiel ao seu dono.”. Os Ns discretos no plural referem, em extensão, a generalidade dos membros da classe- “Os cães são animais domésticos”. No caso do Inglês, é de notar que os Ns discretos no singular não permitem a co-ocorrência de artigos definidos em enunciados com valores semelhantes aos referidos acima para o PE. Os Ns discretos no singular núcleos de BNPs não permitem a referência à propriedade, excepto se forem lidos como etiquetas e dificilmente poderemos considerar que, nesses casos, estamos perante um funcionamento discreto:

(18)

a "Cão" é um mamífero. vs. *"Cães" são mamíferos.

b. Um cão é um mamífero. vs. *Dois cães são mamíferos.

Consideramos, assim, que o traço plural dos Ns discretos é, simultaneamente, marcador de uma quantificação mínima e de uma generalização que permite, com um verdadeiro funcionamento discreto, a referência à propriedade.

Por seu turno, a necessidade dos Ns compactos de encarnar não altera a referência à propriedade enquanto tal e toda a quantificação não incide sobre o N compacto mas sobre o seu suporte:

(19) A minha tristeza e a do João são tristezas diferentes.

No caso dos densos, que podem ser definíveis por uma lista finita de propriedades, referem a Noção sempre que não sejam formatados externamente como já referimos. Trataremos abaixo da exigência de ocorrência de Determinantes lexicais em Sintagmas Nominais com a função de Sujeito, em Francês e em PE.

Obviamente, as leituras existenciais ou genéricas dos BNPS não podem apenas ser relacionadas com propriedades do léxico e parece ser difícil limitá-las às operações de determinação nominal. A construção dos enunciados parece desempenhar um papel fundamental na atribuição dessas leituras. Os enunciados genéricos são referidos na literatura como predicções de propriedades sobre indivíduos (ou sobre espécies ou sobre classes). Deste modo, somente os BNPs SUJ poderão ser lidos como genéricos. Todavia, os enunciados genéricos resultam de uma operação de percurso que não distinga ocorrências e são marcados por uma ruptura com a Situação de Enunciação origem. A leitura genérica está, pois, associada a acontecimentos linguísticos potenciais. Diremos, portanto, que nestes enunciados as predicções são entendidas como um todo homogêneo, semelhante ao funcionamento dos estativos. Aos BNPs com outras funções sintáticas será sempre atribuída uma leitura existencial resultante da quantificação mínima dada pela ausência de Det lexical e de uma associação a uma variável espaço-temporal.

4. O BNP na frase: movimento do Verbo e movimento do DP

A ambiguidade de leituras dos BNPs SUJ em Inglês foi descrita em algumas análises como resultante das necessidades de movimento do DP ou do V. Para DIESING 92, a cada uma das leituras está associada uma estrutura diferente: a leitura existencial é obtida pela subida do DP para IP para receber Caso. Deixa assim um vestígio em [Spec,VP] como nos predicados de elevação. Em LF, o DP desce para esta última posição, ficando sob o domínio de c-comando do Verbo. A leitura genérica resulta de uma estrutura em que o DP em [Spec,IP] controla um PRO Sujeito em [Spec,VP]. Esta análise considera um conceito de HEIM 82 que postula a existência de um quantificador não selectivo que liga, no escopo nuclear, variáveis que são restringidas pela oração restritiva. Sempre que não ocorra um

quantificador *overt*, os DPs que sejam elevados para a oração restritiva são ligados por um quantificador *default* Gen. Todos os que se mantenham no escopo nuclear são obrigatoriamente ligados por um processo de fechamento existencial. Estão, naturalmente, neste último caso os DPs com leitura existencial.

BENEDICTO 96 atribui a diferença de leituras e o contraste com as línguas românicas ao parâmetro do movimento do V. Propõe que o fechamento existencial seja introduzido com o chamado argumento evento do predicado. O escopo do valor existencial será pois o domínio de c-comando desse argumento que coincide com o domínio de c-comando canónico do V. Na leitura genérica em Inglês, os DPs sobem de [Spec,VP] até [Spec,TP] enquanto o V permanece *in situ*. Um operador genérico numa posição mais alta propicia essa leitura. Nas línguas românicas, o V sobe e o DP mantém-se no escopo do domínio de c-comando do V, o que propicia a leitura existencial. Essa leitura em Inglês resulta da subida do V até AGR: apesar da subida do DP, o V c-comanda o seu vestígio.

A primeira proposta parece-nos permissiva na medida em que no caso dos enunciados ambíguos (Cf. (16)) a opcionalidade da descida do DP não está condicionada. Para DIESING, a explicação é dada pela existência de uma Infl 'inacusativa', não introduzindo mais nenhum argumento sintáctico.

A segunda proposta apresenta também algumas dificuldades. Em primeiro lugar, o argumento de que nas línguas românicas o V sobe aplica-se a todas as frases, o que implicaria que os DPs com leitura genérica em PE e em Francês deixassem, ao subir para receber Caso, um vestígio no domínio de c-comando do V. Por outro lado, parece ainda mais discutível que os Vs que integrem frases com leitura genérica em Inglês não subam:

- (20) Are whales mammals?
- (21) Is the boy a student?
- (22) Is the boy already in his room?

As frases (20), (21) e (22) ilustram respectivamente predicções *kind level*, *individual level* e *stage level*. No caso de (20) a leitura genérica do BNP parece não ser afectada pelo facto de este estar no domínio de c-comando do V. *To be* é, aliás, um dos Vs que pode subir para AGR (Cf. POLLOCK 89).

É possível considerarmos, então, à luz de algumas propostas recentes, que os DPs não deixam vestígios: de um Argumento é feita uma cópia que sobe para verificar traços, em LF permanece a forma a que se pode atribuir um significado. Teremos que considerar que nas frases com leitura existencial, a representação é semelhante na Sintaxe e em LF. Nas frases com leitura genérica a diferença de representações pode estar associada ao facto de que a propriedade expressa pelo predicado tem a sua localização no DP SUJ que terá que estar fora do escopo do V.

5. A estrutura interna do BNP

Assumimos, no seguimento de BRITO 92, que a estrutura DP integra pelo menos uma projecção máxima funcional entre D' e NP. A proposta é a de que N sobe para o núcleo dessa projecção-*Number Phrase*-NbP- para verificar traços e, por um mecanismo de Concordância Núcleo-a-Núcleo, partilha esses traços com o Det na posição D.

Entendemos que esta análise é válida para as três línguas em estudo. Quanto às especificidades de cada uma teremos que entender que a posição D deve estar sujeita a uma variação paramétrica.

Em LONGOBARDI 94 encontramos um princípio que também consideramos:

- (23) A realização fonética da posição D é licenciada apenas se expressar conteúdo semântico ou traços gramaticais, ou como último recurso.

Numa comparação entre o Inglês e o Italiano, Longobardi defende que os Ns sobem para D na Sintaxe em Italiano mas não em Inglês. Nesta língua, os BNPs com leitura genérica mantêm a posição D vazia que não tem interpretação, o BNP-variável é ligado por um operador exterior ao DP. A leitura existencial dos BNPs resulta de um requisito de regência lexical (válido para todos os núcleos vazios). O BNP tem assim uma leitura indefinida correspondente à de um quantificador existencial não especificado para número.

No que diz respeito à subida do N para D na Sintaxe em Italiano, não nos parece possível generalizá-la ao PE. Com efeito, um dos argumentos utilizados para esta perspectiva diz respeito ao comportamento dos Ns Próprios em Italiano que não parece ter semelhanças com o dos Ns Próprios em PE.

Diremos, então, que na posição D se verifica um valor [\pm definido] e que existe um parâmetro para a ocorrência de Dets lexicais: conforme as línguas, D pode ser [\pm forte]. Em posições não lexicalmente regidas, em PE e em Francês, D [+ forte], necessita de material lexical que verifique este traço. Se considerarmos que em Inglês D é [- forte], então este núcleo não necessitará de conter material lexical.

Em Francês, o V necessita de um marcador partitivo para assegurar a leitura indefinida do DP. É este partitivo (gerado em [Spec, DP]) que funciona como operador que liga o N-variável.

6. Em Síntese

Para a construção de significação dos BNPs concorrem as propriedades das Noções lexicais de que decorrem as diferenças entre eles de formatação ou de actualização nos enunciados. As operações de determinação são contingentes às características da Noção. A relação predicativa afectada de valores gramaticais condiciona os valores de todo o enunciado. Em termos sintácticos, os BNPs Argumentos só existem em contextos de

regência estrutural ou lexical. A regência lexical do V licencia o BNP Argumento, o Argumento Evento que V subcategoriza atribui-lhe uma interpretação existencial. Para tal, basta que o BNP esteja no escopo do domínio de c-comando do V. Os BNPs fora deste escopo têm leitura genérica atribuída por um operador Gen numa posição que reja o DP. Só estão nesta configuração os BNPs SUJ de predicacões *kind level* em Inglês.

A estrutura interna dos DPs é semelhante em Francês, Inglês e PE. Em caso de ocorrência de BNPs, a posição D estará sempre vazia, quer na Sintaxe, quer em LF.

O núcleo N sobe para Nb para verificar o traço [\pm singular]. Nas línguas, como o Inglês, em que D possui um traço [- forte], os Dets só sobrevivem se tiverem conteúdo referencial. Nas outras línguas, D exige a presença de um Det que partilhe os traços morfológicos do N em Nb por Concordância Núcleo-a-Núcleo.

BIBLIOGRAFIA

- ABNEY, S.T. (1987), *The English Noun Phrase and Its Sentential Aspect*, Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, MA
- BELLETTI, A. (1988), "The Case of Unaccusatives", *Linguistic Inquiry*, Vol. 19, Nr. 3, pp. 1-34
- BENEDICTO, E. (1996), "Raising existencial closure with verb", *Procedures from the VI Colloquium on Generative Grammar: Valencia*
- BRITO, A.M. (1992), "Noun movement, agreement and word order in the Portuguese «Nominal Phrase», *Workshop sobre Português*, pp. 22-60, Associação Portuguesa de Linguística: Lisboa
- CARLSON, G. (1977), "A Unified Analysis of the English Bare Plurals", *Linguistics and Philosophy I*, pp. 413-457, Reidel: Dordrecht
- CHOMSKY, N. (1981), *Lectures on Government and Binding*, Foris: Dordrecht
- CHOMSKY, N. (1993), "A Minimalist Program for Linguistic Theory", HALE & KEYSER (eds.) *The View from Building 20*, The MIT Press: Cambridge, Massachusetts
- CORREIA, C.N. (1992), "A determinação: Quantificação e Qualificação", *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 100-111
- CORREIA, C.N. (1993), "O Valor do Artigo Ø em Português", *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 131-144
- CULIOLI, A. (1981), "Sur le concept de notion", *Pour une Linguistique de l'énonciation*, 1990, pp. 47-65, Ophrys: Paris
- CULIOLI, A. (1991), "Structuration d'une notion et typologie lexicale. A propos de la distinction dense, discret, compact", *BULAG*, n°17, pp. 7-12
- DIESING, M. (1992), "Bare Plural Subjects and the Derivation of Logical Representations", *Linguistic Inquiry*, Vol. 23, Nr.3, pp. 353-380
- GILBERT, E. (1993), "La Théorie des Opérations Énonciatives d'Antoine Culioli", M. VIEL (dir.), in *Les Théories de la Grammaire Anglaise en France*, pp. 63-96, Hachette Supérieur: Paris

- HEIM, I. (1982), *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*, Doctoral Dissertation, University of Massachusetts: Amherst
- LONGOBARDI, G. (1994), "Reference and Proper Nouns: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form", *Linguistic Inquiry*, Vol.25, Nr.4, pp. 609-665
- POLLOCK, J.-Y. (1989), "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP", *Linguistic Inquiry*, Vol. 20, Nr. 3, pp. 365-424
- VOGÚÉ, S. (1989), "Discret, Dense, Compact, Les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale", J.-J. FRANCKEL (org.), in *La notion de Predicat*, pp. 1-37, Université de Paris 7: Paris
- ZUBIZARRETA, M.L. & J.-R.VERGNAUD (1992), "On Certain Aspects of generics and existentials in French and in English" comunicação apresentada ao encontro do GLOW: Lisboa